

Meu Lugar na UFRGS



SAMANTHA KLEIN/JU

No centro do coração

Samantha Klein

Carla não é muito ligada a nomes de artistas do cinema ou da televisão, mas recorda a primeira vez em que viu celebridades entrando no espaço onde trabalha há 17 anos. Poucos dias após ser contratada para fazer serviços gerais no Centro de Eventos da UFRGS em Gramado, ela já pôde ter contato com artistas que chegavam para o Festival de Cinema. Naquele ano, 2001, Betty Faria, Hugo Carvana, Milton Gonçalves e Werner Schünemann estavam entre os atores convidados da 29ª edição do evento.

Naquela edição do Festival, e em outras sete, a mostra competitiva do cinema brasileiro e latino-americano movimentou o Centro de Eventos mantido pela Universidade. “Mal comecei a trabalhar e já tive a oportunidade de fazer parte de uma festividade desse porte. Os anos seguintes foram ainda melhores, porque a equipe estava mais afinada para receber os atores e diretores de cinema”, destaca Carla Konzen Steffens enquanto mostra algumas fotos com artistas.

A hoje assistente administrativa iniciou as atividades no local como auxiliar de serviços gerais. Na época tinha recentemente chegado a Gramado, fazendo o caminho do interior para a área urbana, devido à falta de condições econômicas para dar continuidade à mesma trajetória dos pais. “Infelizmente não tínhamos como permanecer no campo, e meu filho Christian já tinha nascido. Por isso, resolvemos tentar a vida em Gramado. Facilitou muito o fato de ter familiares aqui na cidade.”

Carla jura que foi um golpe de sorte chegar à cidade serrana, de mala e cuia em junho de 2001, e um mês depois já estar empregada no Centro de Eventos da UFRGS. Não disfarça, porém, o orgulho em ter completado tantos anos de trabalho. “Desde que cheguei, o meu dia a dia é de esforço

para continuar trabalhando.” Atualmente, reveza sua atuação entre a recepção de expositores e atores, o recebimento de orçamentos e a organização de documentos. Na mesa instalada no espaço administrativo do Centro, ela guarda de forma metódica registros documentais e fotografias dos eventos realizados no espaço mantido pela Fundação de Apoio da UFRGS (Faurgs).

Há três anos, ela, o marido Adelino e os filhos Christian e Milena, 19 e 8 anos, respectivamente, passaram a morar no próprio Centro de Eventos. O estabelecimento localizado no centro de Gramado, que recebe desde eventos acadêmicos até o Festival de Cinema, está sediado na antiga fábrica de calçados da Ortopé, que ocupa uma área de 10,3 mil m².

O antigo chão de fábrica se transformou em um amplo salão. Salas menores que abrigavam setores administrativos tornaram-se auditórios com capacidade para entre 100 e 300 pessoas. Junto a toda a infraestrutura de uma massa falida recuperada pela Faurgs, existia uma residência no antigo complexo da empresa calçadista. Carla e o marido se tornaram os guardiões do espaço. “Havia a necessidade de abrir e fechar o Centro de Eventos em qualquer dia. Dessa forma, um de nós sempre está disponível para receber o pessoal do carregamento que chega cedinho e também para cerrar as portas depois que o último convidado ou ator de uma peça tenha saído do espaço.”

Carla ainda destaca que construiu uma vida em torno do espaço e considera que o Centro de Eventos é mais que um trabalho. “Não consigo me imaginar longe daqui. Além da sensação boa de esperar por um novo evento, sempre reencontro amigos”, finaliza. Laços invisíveis vão se formando em meio a uma agenda lotada de eventos que, aliás, já estão marcados para 2020 e 2021.

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Consciência do coletivo

A aldeia Kanhgág Kaingang Monte Caseros, perto de Lagoa Vermelha, no norte do estado, tem uma população de aproximadamente mil pessoas e é uma das retomadas de território indígena no Rio Grande do Sul. Foi lá que cresceu, junto com suas cinco irmãs, Silvana Claudino, estudante de Serviço Social da UFRGS. Ela nasceu na aldeia Guarita em 8 de dezembro de 1989, em Tenente Portela, mas se mudou para Monte Caseros aos seis anos após um conflito de lideranças do local. Da infância, Silvana relembra com doçura em um riso travesso: “A gente brincava, pescava e nadava o dia todo. Entrávamos de manhã no mato e só saímos de noite. Os mais velhos cuidavam dos mais novos”.

Esse espírito de coletividade, tipicamente associado à cultura indígena, acompanhou a formação escolar de Silvana até a 6ª série na aldeia. Passadas as fases iniciais, entretanto, teve que ir à cidade estudar e sentiu na pele o preconceito e as dificuldades. “Os colegas não conseguiam me aceitar. Eu era só a índia da turma”, relata. “Os professores diziam que meus pais não me incentivavam, mas era só diferente, a gente não conhecia esse modelo.” A situação na família de Silvana era, pelo contrário, de muito incentivo. O pai, Salatiel, que assim como a estudante e sua mãe, Itamara, não possui nome na língua nativa – reflexo de uma cultura influenciada pelo processo de colonização e que continua a se modificar –, sempre disse que ela não precisaria casar cedo, como outras meninas Kaingang, justamente para que pudesse estudar.

Em 2007, Silvana se formou no ensino médio e, dois anos depois, tentou, pela primeira vez, ingressar no curso de Medicina da UFRGS, mas não passou no processo seletivo. Foi aí que começou a trabalhar em um frigorífico que estava contratando mão de obra indígena. “Aguentei dois anos, mas era muita exploração! Tinha que carregar peso e exigia muito fisicamente, então resolvi sair”, revela. Depois disso, trabalhou como agente de saúde indígena na sua aldeia. A necessidade de atuar dentro da comunidade despertou em Silvana quando percebeu que as políticas de educação e saúde enfrentavam problemas de comunicação entre nativos e médicos ou enfermeiros não indígenas. Ela fazia visitas a domicílio e orientava as famílias sobre algumas medidas que poderiam prevenir doenças, mas notava que a maioria das mulheres tinha vergonha de



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM

contar ou perguntar algo aos médicos. “Faltava um diálogo; às vezes, uma mãe dizia que ia dar um chá para o filho e o médico, que não sabe sobre isso, falava que não. É complicado”, avalia.

Em relação às práticas Kaingang, Silvana lamenta que só pôde conhecer alguns rituais através da leitura e das histórias contadas pelos mais velhos, uma vez que foram sendo proibidos com a entrada da religião cristã. Além disso, ela observa clara diferença entre os hábitos culturais de sua avó e os da sua geração. A avó acreditava fielmente no mito de criação Kaingang, por exemplo, em que existiam dois sóis, Kamé e Kairu: eles disputavam espaço e, depois de muitas brigas, resolveram que o primeiro iluminaria o dia e o segundo, a noite, para que o mundo pudesse gozar de equilíbrio entre as forças. Com base nisso, uma pessoa descendente de Kamé não pode se envolver com outra Kamé, porque são consideradas irmãs e a vida em casal tende a ser conflituosa. “É interessante ver o quanto isso tem mudado da geração dela para a minha. Hoje em dia, as pessoas casam mais pela lógica cristã”, pondera.

Aos 21, alguns anos antes de entrar na faculdade, ela engravidou. A pequena Geovana, de sete anos, tem quase a idade que a mãe tinha quando colocava

fogo nos matos secos da aldeia Monte Caseros, mas vive no meio da cidade e fala apenas português. Silvana começou a ensinar Kaingang para ela neste ano e diz que não pretende levá-la à igreja. “Ela é pequena e já sabe que temos outra cultura a explorar”. A tomada de consciência a respeito dessas questões indígenas não veio da noite para o dia: ao entrar no curso de Serviço Social em 2014, Silvana se mudou para Porto Alegre e começou a conviver com outros estudantes indígenas, participar do Coletivo Indígena da UFRGS e a entender seu lugar na sociedade. Além disso, contou com o auxílio de um monitor e uma professora do seu curso para compreender os textos acadêmicos, o que ela considera de extrema importância para a permanência na Universidade.

Na reta final da graduação, Silvana será a primeira da sua aldeia a se formar no ensino superior e, depois dela, mais pessoas da comunidade querem ter acesso à Universidade: uma das irmãs já ingressou neste ano em Psicologia na UFRGS. Para ela, a vontade é agir e transformar a realidade dentro da comunidade. “Está na hora de atuar e ocupar nossos espaços”, afirma.

Bárbara Lima,
estudante do 6.º semestre
de Jornalismo da UFRGS